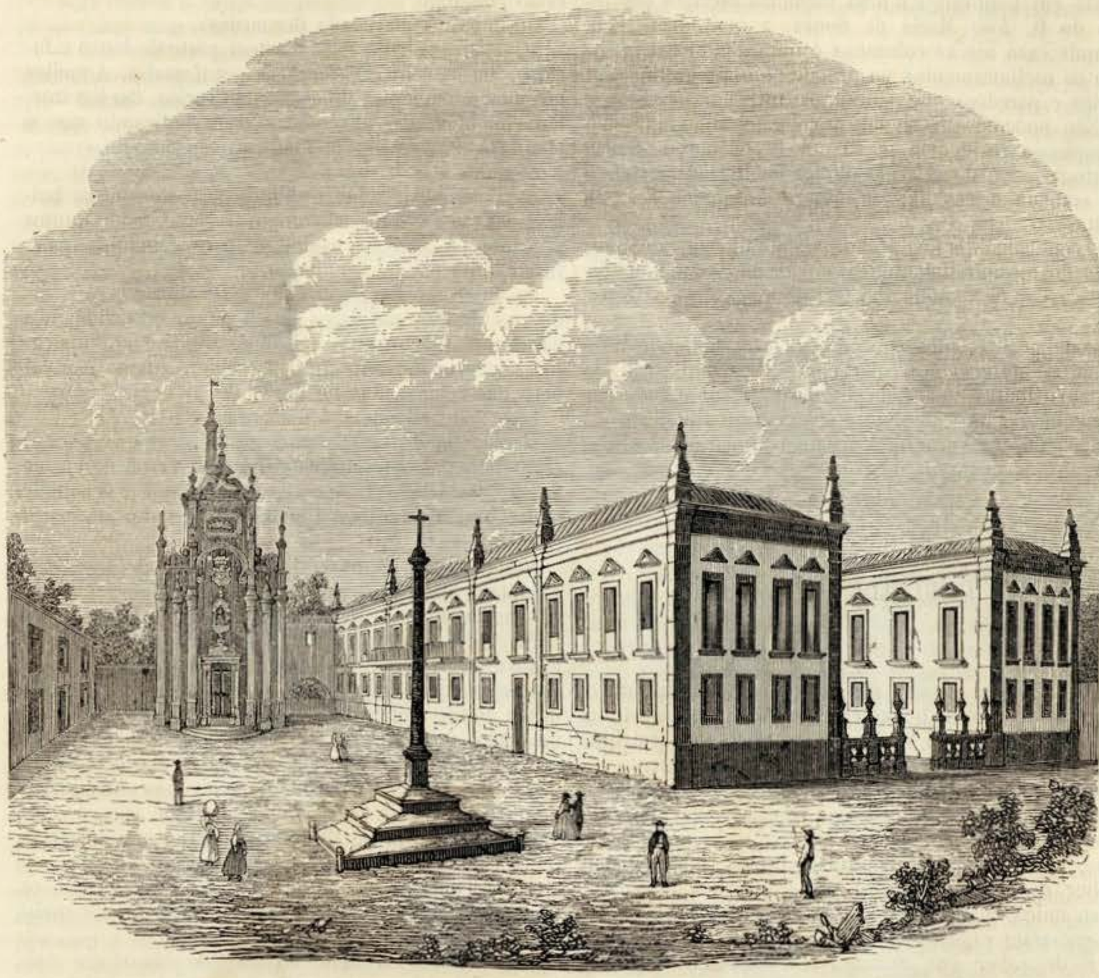
TRAZ-OS-MONTES



Palacio do morgado de Mattheus em Villa Real — Desenho de Lopes Mendes

Esta nobre residencia, além da sua grandeza, recorda-nos o primeiro portuguez que levantou a Camões um monumento perduravel, qual é a magnifica edição dos *Lusiadas* feita em Paris, na officina de Didot, no formato de quarto atlantico, com primorosas gravuras de aço, no anno de 1817, vulgarmente chamada a «edição do morgado de Mattheus.»

Foi este benemerito das letras patrias, D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Mattheus, Cumieira, Sabrosa e outros vinculos em Traz-os-Montes, conselheiro da fazenda, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal nas cortes de Suecia, Dinamarca e França, fallecido em Paris no anno de 1825.

O logar de Mattheus, onde se acha edificado este sumptuoso palacio, fica no termo de Villa Real, e tem uns 173 fogos. Neste sitio instituiu o dr. Antonio Alvares Coelho, em 1620, um grande morgado e capella, no qual succedeu sua filha D. Maria Coelho, casada com o dr. Mathias Alvares Mourão, lente de Coimbra, deputado do fisco na mesma cidade, e depois desembargador da casa da Supplicação, que falleceu sem filhos, deixando por herdeira sua mulher, com a obrigação de fazer um vinculo de todos os bens da herança, e nomear n'elles por successo Mathias Alvares Mourão, sobrinho de ambos, com a obrigação de andarem vinculados em morgado com o de Mattheus, impondo-lhe a prohibição de se poderem alhêar por modo algum, nem ainda que houvesse provisão delrei.

A filha do primitivo instituidor, D. Maria Coelho, dispoz que, em quanto o mundo durasse, cada um dos administradores mandasse dizer seis missas por semana na sua capella de Nossa Senhora dos Prazeres, que está unida á casa do logar de Mattheus, e é a que se vê ao lado direito da estampa.

Entre os bens que esta D. Maria Coelho vinculou á casa de Mattheus, entraram 117 arrateis de prata lavrada, e 3 arrateis de oiro. E poz por condição que cada um dos administradores deste morgado, dentro dos primeiros quatro annos da sua administração, vincularia duzentos mil reis de boa fazenda, na razão de cincoenta mil reis por anno, e que as fazendas fossem o mais visinho que podesse ser á casa de Mattheus, que era cabeça do morgado, e que não havendo bens para comprar, poria o mesmo dinheiro a juro de cinco por cento, até se effectuar a compra.

Um dos successores d'este morgado, Antonio José Botelho de Mourão, casou com D. Joanna de Sousa, filha

dos marquezes das Minas, e d'este matrimonio nasceu D. Luiz Antonio de Sousa, pae de D. José Maria de Sousa, o que fez a magnifica edição dos *Lusiadas*.

Este Antonio José Botelho de Mourão foi quem começou o palacio do logar de Mattheus, como vimos posto em lembrança n'uma memoria escripta por letra de D. José Maria de Sousa, a qual diz: «Esta grande casa até ás columnas é obra d'elle; assim como os melhoramentos na grande quinta e jardins, escadas e paredões que a ornam e utilisam.»

Não podémos averiguar quando foi concluida esta sumptuosa residencia, e só que D. Leonor de Sousa Portugal, avó do referido diplomata D. José, estando já acabada a capella, «a pozera no maior aceio e culto.»

O conde de Villa Real D. Fernando, fallecido em 1856, neto do mesmo diplomatico, auctor da esplendida edição de Camões, ainda lhe fez algumas obras e reparos.

Póde-se dizer que este edificio é o mais notavel de quantos pertencem a particulares na provincia de Traz-os-Montes, pela sua grandeza, e sobre tudo por ser solar de um morgado a que ficaram vinculadas as chapas das gravuras que ornam e illustram a edição magna dos *Lusiadas* de Camões.

COMO ELLA O AMAVA!

I

Aos 24 de agosto, na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Tamega, extrema pelo norte as duas provincias do Minho e Traz-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartholomeu, santo gravemente infesto a Satanaz. Vem aqui, de muitas legoas em volta, dezenas de creaturas obsessas. É para notar que raro homem alli vá incubado de demonio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, soffrem o dissabor de serem visitadas pelos espiritos infernaes, caso unico, a meu ver, em que os sobreditos espiritos se mostram espirituosos.

É de saber que o demo tem caprichos sujos; e n'isto, como em muitas outras coisas, parece homem, com resalva do leitor. A legião d'elles, que se entranhou na vara de cochinos, era indecente. S. Jeronymo, na vida do beato Hilarião, conta d'um formidavel demonio que se alojou n'um camelo, o qual, levado á presença d'aquelle santo, urrou, caíu, e desfez-se do sevandija que o incommodava. O mesmo conta fr. Luiz de Sousa de um urso possésso, que, ao signal da cruz de S. Bartholomeu dos Martyres, caíu, estrebuchou, e morreu. Tambem se mette nos legumes o maldito! O mesmo santo farejou-o n'uns feijões fradinhos. Já é condição mui rasteira, ou muito má vontade aos feijões em odio aos frades!

Affirmam insignissimos auctores que ha seis especies de demonios: igneos, aérios, aquaticos, subterraneos e lucifugos. Anda a gente cercada d'estes malandrins, que zombam da policia, e fazem praça do seu despejo até ao escandalo de se metterem n'ella!

A mim, pois, não me espantava o grande concurso de mulheres endiabradas que vi na romaria de S. Bartholomeu, em Cavez. Do usurpado senhorio de algumas direi que me fez inveja a besta immunda! Eram desempenadas raparigas de Barroso, escarlates e possantes como as matriarchas do genero humano; pulsos de ferro, olhos coriscantes, e fórmas tão esculpturaes da belleza antiga, que eu fiquei scismando se o demonio desengraça com as raças adelgaçadas, e vae ás montanhas procurar corpos com capacidade de o receberem. Ainda bem que vae. Se assim não fosse, a sala de baile havia de ser um pandemonium!... E quem sabe se é? O regirar vertiginoso dos bailados não parece coisa macabra, doidice satanica, vortice em que as almas vão remoinhando até caírem nas fauces do dragão? Eminentes sabios e santos estão commigo.

Oiçâmos o congregado Bernardes:

«Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta vêl-o de fóra para confessal-o. Aquelles mesmos movimentos do corpo, tão varios, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o siso está movido algum tanto do seu assento.»

E ajunta:

«...Bem certificados podêmos ficar de que os bailes, danças e saráos costumam trazer comsigo muitos peccados. A não ser assim, nem os demonios insistiram tanto em os persuadir...»

S. Valeriano na *Homilia* 6.ª, *De otiosis verbis*, diz que as danças são laços do demonio que ajudam a dar muitos garrotes. E o psalmo 139, quando diz *caput circuitus eorum*, quer dizer que o diabo é o cabeça das reviravoltas de um baile.

Logo: os bailados são diabruras.

Mas, enfiando outra vez o conto, gentis mocetonas eram aquellas energùmenas que eu vi na egreja de Cavez, em 1842. Ha que annos isto vae!... N'aquelle tempo, até as mulheres com espirito ruim me pareciam boas.

Voltei lá no anno seguinte, armado de figas que espantam máos ares, e nóminas e amuletos refractarios ao demonio.

Na aldeia, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartholomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e aprasados para alli. Um morgado, meu visinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mór de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandára demolhar em poças um braçado de páos de carvalho, com o fim de lhes dar elasterio, e cingirem-se melhor com as costas das victimas. Estes preparatorios aqueciam-me o animo bellicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze annos.

Por 9 horas da noite do dia 23, saímos em malta, caminho da ponte de Cavez, uma legoa distante. Por volta de onze horas, fizemos alta n'uma aldeia, chamada Aroza, convisinha dos montados por onde se estendia o arraial. Alli reuniu-se comnosco uma esturdia, que vinha dos lados de Cerva, e n'esta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas egualmente impunes que arrogantes, e especie de barões feudaes, a cujas barbacans não ousavam chegar as justiças del-rei. A cantadeira da esturdia era uma rapariga de dezoito annos, sécia e talhada a primor, carregada de oiro, mas ainda assim leve como uma arféloa, saltando quando não cantava, rindo a escancaras quando não saltava, linda como as dryades dos córregos, alegre como a felicidade das serras. Oh! que moça! Que legião de tentadores demonios ia n'ella!

O morgado Pacheco de Andrade abraçou o maioral da turba, e concertou o plano da batalha.

Dizia o de Cerva:

— Eu quero-me ver peito a peito com o Victor de Mondim! Um de nós ha de ficar escutando a cavallaria.

— Que tens tu com elle? — perguntou o morgado.

— Tenho que elle conversou dois annos com a Isabelinha do Reguengo; depois ella deixou-o á minha conta, e voltou-se para mim. E vae elle, na feira de S. Miguel, caíu sobre mim, e mais vinte dos seus. Fiz face a tódos, em quanto o páo me não estalou na cabeça d'um. Depois caí debaixo d'um bosque de

estadulhos, e estive á morte. Aqui tem o sr. morgado o que eu tenho com elle.

— A moça vale a pena?

— É esta que está a cantar.

— Guapa rapariga!... Tens razão, Lobo!

— Já correu o primeiro pregão dos banhos.

— Casas com ella?

— É a melhor lavradeira do povo, e de cara ninguem no concelho lhe deita agua ás mãos.

— Então será bom que te poupes, Lobo! Nada de morrer!...

— Que tem lá isso? Se morrer, já não preciso casar. Morra o homem e fique fama!

A este tempo, cantava a Isabelinha do Reguengo:

Quem quizer cantar commigo
ha de ter no peito amores;
amam as aves cantando
entre arvoredos e flores.

E o competidor respondia:

Entre arvoredos e flores
já te eu vi, linda pombinha,
deixei-te ir sem te dar fogo,
que eras d'outro, e nemja minha.

O Lobo de Cerva ouviu esta copla, e franziu a sobrancelha, envesgando os olhos ao cantor; depois foi á beira de Isabel, e disse-lhe:

— Não cantes mais.

— Porque, João?!

— Não cantes mais, faze-me isso... Oiço cantigas que me bolem cá no interior.

— Pois não canto. Vamos conversando — disse ella com alegre condescendencia.

Á meia noite entrámos no arraial. Já o tiroteio tinha rompido das duas margens do Tamega. As balas assoviavam nas ramagens da carvalheira onde se ajuntavam os caudilhos em conselho de guerra. Nenhum romeiro pacifico já se mettia á ponte. Os atrevidos agrupavam-se nas extremidades; os da esquerda esperavam a ronda de Cerva, os da direita a de Mondim. Na ponte passeavam uns doze soldados de infanteria, idos de Guimarães; pobres homens de quem os contendores não faziam caso nem conta. Os tiros, pelo arder da escorva, viam-se romper dos altos das mattas fronteiras. A tropa estacionára na ponte, encarregada de evitar o choque das duas rondas inimigas.

Ora eu, prevalecendo-me da inoffensiva presença dos meus annos, desci á ponte, e atravessei-a como coisa que ninguem vira. Fui direito á egreja observar a lucta de S. Bartholomeu com o diabo. Era isto principalmente que me chamava.

Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoniacos, amarrados por cincoenta braços de pujantes barrosãos, em quanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demonio rabiava n'ellas desencabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre levantava a voz tambem enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do genero humano, obrigando-o a ir esconder sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas caíam sem forças no regaço das mães chorosas, archejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se a final sãs, para irem depôr no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a egreja.

Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com os sujeitos que o demonio respectivo de cada uma tinha declarado.

Que officio adopta o diabo ás vezes!... Assim mesmo é o mais util que eu lhe conheço.

II

Quando volvi á ponte já não pude romper a mó de povo que se baldeava d'uma a outra margem do caminho, e se desfazia em filas desordenadas, as quaes pareciam serpentes negras a collearem pela ribanceira acima.

Tinha começado a lucta.

A ronda de Cerva avançava da parte d'além; a de Mondim, recebendo aquelle movimento como signal de batalha, avançou tambem. Ribombavam os zabumbas de ambos os lados, e guinchavam as requintas por sobre a vozeria da tropa, que se esforçava em evitar o encontro, de baioneta calada.

O alarido das mulheres e rapazio d'um e d'outro lado, retinia nos echos das margens penhascosas do Tamega. As fuziladas relampagueavam entre os mattagaes. A vertigem do terror estendera-se a todo o arraial. Dirieis que os demonios desalojados dos corpos das mocetonas, exasperados de raiva satanica, tomaram á sua conta fazer alli um inferno provisorio, mesmo nas barbas de S. Bartholomeu!

Ouvi o retintim das baionetas sacudidas dos seus engastes pelos páos certeiros dos barrosãos, bandeados na hoste de Mondim. Divisei os doze soldados espremidos entre as multidões inimigas. De repente os de Cerva fizeram pé atraz; os de Mondim tambem, e por momentos reinou um silencio, que devia ser como a serenidade d'um ceo torvo de borrascas na intercadencia de dois raios. Que suspensão fôra aquella? Cingi-me com a guarda da ponte, e cheguei ao meio. Avisinhei-me do primeiro grupo dos d'além, e ouvi dizer que, no afôgo da briga, Isabel do Reguengo se lançára entre as vanguardas dos combatentes, e bradára: «Matem-me primeiro a mim!» E, dito isto, cruzára os braços.

Victor de Mondim reconheceu-a, e clamára aos seus: «Alto, meus rapazes!» e o Lobo de Cerva, cobrindo-a com o seu páo argolado de cobre, exclamára: «olhae que é minha noiva!»

Assim se explicava o improviso regresso de cada exercito aos seus arraiaes. Caso digno de memoria!

É, pois, certo, que Victor de Mondim lhe queria muito ainda. Que milagre! Dois annos a vêl-a todos os dias sanctificados, e andar duas legoas para vêl-a, duas legoas tão queridas na ida, e outras duas tão longas e saudosas na volta!... Porque assim deslealmente o deixaste, Isabelinha do Reguengo? Por que havias de ser tu mulher como tantas? Que atomos da peste das cidades coavam em tua alma, ó virgem dos arvoredos?

Fui onde estava a gente de Cerva. Isabel comia cavacas, e repartia d'ellas com o Lobo, que ensopava um lenço de seda em camarinhas de suor. Uns pimpões estavam encostados aos páos, cruzando com elles as pernas, outros emborcavam grandes picheis e canecas de vinho. O meu visinho morgado José Pacheco de Andrade empannava a cabeça partida, e desequilibrava as pernas, não já por causa do terreno, senão que o vinho desmentia n'elle, caracteristico humano da posição vertical, com quanto o meu visinho, mais que nenhum outro corpo, com grande gloria de Newton, pendesse ao centro da terra.

Ahi por volta das tres horas vieram parlamentarios d'além, propondo a passagem livre das rondas de parte a parte. O morgado tomou a si o encargo de responder, e tartamudeou:

— Não ha convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!

Disse, e deu ares de se acabar primeiro que o restante do mundo. Cambaleou floreando o cerquinho elastico, tropeçou no proprio páo, e caiu na calçada, que, por ventura, a fantasia rica e ardente lhe afigurou almofada com toda a flacidez convidativa d'um longo somno.

Os parlamentarios foram repetir com gravidade as palavras do ébrio. Rompeu de lá temerosa grita, e logo o tiroteio.

Lobo depoz o varapáo, e pegou da sua clavina de dois canos. Isabel segurou-o pelos alamares de prata da jaqueta, rogando-lhe que se aquietasse. O bravo, que seguia a maxima do «morra o homem e fique fama» sacudiu de si a moça, e bradou:

— Rapazes! á ponte!

Ergueram-se todos, e o proprio morgado lá das trevas espessas da sua modorra, ainda rugiu:

— A elles!

Os de Mondim, quando ouviram o instrumental, avançaram á entrada da ponte. A passo egual iam ganhando terreno uns e outros.

Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algazarra dos brados e toada da musica. Era Victor de Mondim que bradava:

— João Lobo de Cerva!

Lobo fez calar os seus, e respondeu:

— Quem me chama?

— E Victor de Mondim.

— Aqui estou.

— Se és homem, sáe sósinho, que eu tambem sáio ao meio da ponte.

— Nunca o diabo te mostrou homem mais homem! Ahi vou.

Isabel lançou-se-lhe ao pescoço, dando vozes de afflicção e ternura. E elle repelliu-a com desamor de inimigo, exclamando:

— Que diabo me pedes tu, mulher? Queres que eu cáia aqui morto de vergonha?!

E eu *estava de angulo a espreitar*, como um santo bispo de Sevilha diz em seus cantares, o qual santo, segundo modestamente confessa, espreitava de angulo o batalhar de godos e sarracenos.

Senão quando, os dois paladinos, adiantados de suas immoveis cohortes, param a vinte passos, com as clavinas aperradas.

— Não ha de ser tua nem minha! — disse Victor.

— Tua, por Deus te juro que não será! — respondeu Lobo.

E, a um tempo, desfecharam; e, a um tempo, bateram em terra os dois moribundos arquejantes.

Que horror de grita restrugiu então! Que frenesi de espedaçarem-se conglobou em feroz abraço os dois campos! Era um segundo duello de homem para homem com cem braços. Os de Mondim levantaram o cadaver de Victor, e defenderam-n'o; os de Cerva, cegos de furial vingança, não viram que os outros remessavam ao Tamega o cadaver de João Lobo.

Isabel tinha caído como fulminada pelo relampago das escorvas. Passaram por cima d'ella os seus parentes e amigos a vingarem-lhe o noivo. Pizaram-lhe o peito, onde já não havia coração que sentisse a dor. E eu aproximei-me, reconheci-a entre a multidão, e pedi que me ajudassem a tiral-a da ponte.

Assim se fez. Deram-lhe um encosto sobre as caniçadas d'um carro de fruta, e rodearam-n'a algumas mulheres temerosas, que, pouco depois, a desampararam, fugindo ao silvo das balas.

Eu tinha ido ao longo da ponte, na aberta em que os de Mondim retiravam a segurarem da represalia o cadaver do seu chefe.

Quando voltei, ao nascer do sol, fui ás caniçadas, e não vi Isabel. Perguntei por ella, e disseram-me que tinha fugido como doida.

Por ambas as margens do Tamega se alinharam duas fileiras de homens, rebuscando o cadaver de João Lobo. Palmilharam meia legoa de caminho fragoso, sem o encontrarem. Volveram desanimados, cuidando que o cadaver fôra ao fundo, e lá encalhára na penedia, ou se engastára nas raizes dos salgueiros. Os melhores mergulhadores bateram todas as cavernas conhecidas. Perdidas forças e esperanças, volveram de novo á ira, e recobraram alento para se vingarem.

Em quanto a raiva os reaccende, e o arraial fica abandonado ás correrias dos valentes e dos ébrios, vamos encontrar Isabel, sentada na margem esquerda do Tamega, sobre uma rocha que se debruça a cavalleiras da corrente.

Tem o rosto entre as mãos, e os olhos cravados na espuma do jorro de agua precipitado em bacia de fragas. Assim está desde que o sol nasceu, o sol ardente de 24 d'agosto, que lhe cáe a prumo sobre a cabeça.

Que espera alli aquella mulher, como empedernida pela dor?

Que pensam d'ella uns pastorinhos que da serra fronteira lhe perguntam que faz alli?

Não os vê nem ouve.

Espera o resvalar do cadaver do noivo no rolheiro d'onde não descrava os olhos pávidos?

O sol inclina já ao poente, e ella cerra as palpebras, e cobre-as com as mãos, baixando a cabeça ao regaço.

Talvez que o fogo do ceo lhe houvesse calcinado o cerebro, e os lampejos da torrente a cegassem!

A rocha em que Isabel está é puida e resvaladiça. Instantes de desmaio bastarão a despenhal-a. Um ancião, que d'além a víra, desde a madrugada até sobre tarde, vadeou o Tamega nas poldras, chegou á raiz da rocha, e disse:

— Ó cachopa, que fazes ahi?

Isabel estremeceu, e circumgirou os olhos, esfregando-os.

— Que fazes ahi, môça? — tornou o velho.

— Estou á espera do meu defuncto — respondeu Isabel.

— Do teu defuncto!? Entao elle vem pelo rio!? Querem vossés ver que tu eras mulher do Lobo de Cerva?... Eras ou não?...

— Havia de ser... — disse Isabel a grandes brados, erguendo-se de golpe; havia de ser!... havia de ser!...

— Desce cá para baixo, creatura, que o mal da morte não tem remedio. Vem d'ahi que eu dou-te agasalho, e ámanhã irás para os teus. Olha que tu malhas ao poço, mulher. Deus te defenda, que morres!

N'este momento, Isabel abordára mais á aresta do penedo.

O velho, que não podia trepar á rocha escorregadia, gritou pelos pastores d'além. A moça poz as mãos em oração; e, depois, tapando os olhos, despenhou-se!

Antes de baquear-se na refervente cachoeira da bacia, já tinha abolado o craneo n'um angulo da rocha.

Os pastores esperaram o cadaver n'um remanso d'agua, e alli o velaram, durante a noite, aguardando que a justiça fosse alevantal-o.

Como ella o amava!...

Camillo Castello Branco.

TEMPLO DO SOL EM CUZCO, NO PERU

Os peruanos não só adoravam o sol, como todos os povos da raça autocthona, ou asiatica, que emigrou para a America, mas suppunham que os seus incas (reis) descendiam do astro do dia. Por isso lhe davam culto em magnificos templos que tinham levantado por todo o antigo Perú.

Um dos mais ricos era o que representa a gravura junta, todo laminado de oiro e prata, edificado na cidade de Cuzco, capital do imperio, fundada no seculo XI por Manco Capac, chefe da dynastia dos in-

cas. Junto d'este templo do sol havia um palacio ou recolhimento, denominado «Acclhnaci», para habitação das virgens consagradas ao culto d'esta divindade, o sol, ao qual chamam Helios-Churi. Era uma imitação do templo de Vesta entre os romanos.

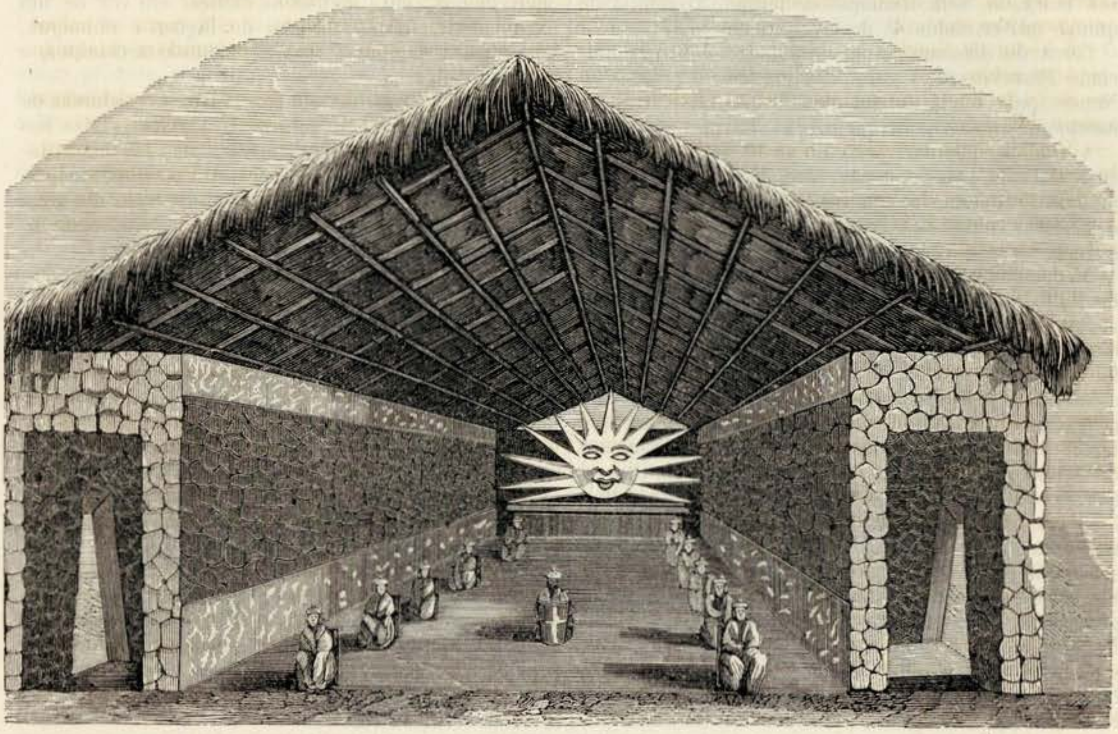
O Perú foi conquistado pelos hespanhoes em 1532, com uma expedição que saiu do Mexico sob o commando de Francisco Pizarro. Este conquistador edificou a cidade de Lima, para onde transferiu a capital do reino, que ainda o é actualmente da republica peruana.

Cuzco, outr'ora corte do vasto imperio dos incas, é hoje simplesmente cabeça da provincia do seu nome, e séde de um bispado. Além da cathedral tem quinze egrejas, sete das quaes pertencem a communidades religiosas, a saber, quatro conventos de frades e tres de freiras. Tem uns 48 mil habitantes.

A gravura que juntâmos é tirada da recente viagem de M. Marcoy ao Perú. Não nos diz d'onde desenhou este templo, que segundo refere o inca Garcilasso de la Vega [1] foi arrasado pelos hespanhoes para fazerem a egreja de S. Domingos, que ainda subsiste.

ANTIGUIDADE DO PALACIO DO CUNHAL DAS BOLAS [2]

Pelos annos de 1737 pertencia este palacio a D. Antonio de Mello de Castro e Mendonça, filho de D. Violante Casimira de Mendonça, casado com D. Maria Francisca Bonifacia de Vilhena, fidalgo da casa real, e commendador da ordem de S. Thiago. Pouco antes, Paulo de Carvalho e Athaide, principal da santa egreja patriarchal, para se pagar de certas quantias



Templo do Sol em Cuzco, no Perú

que D. Antonio lhe devia, por execução judicial que lhe moveu, arrematou em praça a maior parte das *casas ao cunhal das Bolas*, como livres, e tomou posse d'ellas. Recorreu o executado ao favor do soberano, e conseguiu d'elle a especial graça de um decreto para poder remir, apesar de terem decorrido alguns annos, a parte d'aquelle palacio que lhe fôra rematada, com a condição de pagar ao rematante o preço da arrematação e toda a sua divida. Não achando porém dinheiro para desfructar a graça da remissão, recorreu de novo a el-rei, e precedendo o consentimento do immediato successor, e as mais formalidades necessarias, alcançou uma provisão regia para obrigar e hypothecar, sem limitação de tempo, não sómente a parte do palacio que pretendia remir, mas tambem o restante d'elle com todas as suas pertenças, e todos os mais bens livres e do morgado, com seus rendimentos, á quantia de quinze mil cruzados a juro de 6 ¼ por cento ao anno, com a condição de que esta quantia fosse destinada unicamente á dita remissão, e depositada por quem a désse no juizo das capellas, para por elle ser pago o arrematante.

Com a segurança d'esta real provisão perpétua, e de se transferir o direito do rematante para quem désse o dinheiro, conseguiu D. Antonio, por escriptura publica de 16 de fevereiro de 1737, haver de Antonio de Castro Alvellos, conego da sé oriental de Lisboa, nove mil cruzados. Mas não se tendo podido ultimar o contrato por causa de varios incidentes sobrevindos, trespassou o dito conego a sua acção e direitos para seu sobrinho o beneficiado Francisco de Castro Alvellos, com quem D. Antonio celebrou novo contrato em 21 de maio de 1738, pelo qual aos nove mil cruzados se juntaram mais tres, e se reduziu a 440:000 réis a renda annual do dito palacio, que na anterior escriptura se estipulára em 480:000, para pagamento do juro do capital mutuado, com arrendamento do mesmo palacio ao mutuante. A este tempo era já fallecido o principal Paulo de Carvalho e Athaide, e em força da real provisão, e d'este contrato, se fez com os herdeiros d'elle a remissão da parte do palacio que fôra executada.

[1] Hist. del Perù. Lisboa 1609 e Cordova 1616. 2 vol. in fol.
[2] Vid. o artigo e gravura a pag. 288 do vol. v.

O theór da provisão regia para obrigar o palacio aos 15:000 cruzados, dá algumas noticias d'este edificio, e por isso referiremos o que mais faz ao nosso intento, deixando aos leitores o ajuizar por este documento, e pelo mais que para aqui colligimos, da grandeza e importancia d'este palacio.

«Dom João, etc. Faço saber que Antonio de Mello de Castro me representou por sua petição, que elle era senhor e possuidor de umas casas nobres das principaes da corte, sitas no bairro alto, com grande pateo, quintal e jardim, chamadas o *Cunhal das Bolas*, que valiam o melhor de sessenta mil cruzados, e por se entender que uma grande parte d'ellas era livre, lhe fizera n'esta parte o arcipreste da santa sé patriarchal Paulo de Carvalho penhora para pagamento de dividas, que importariam doze mil cruzados, e com effeito as rematára e chegára a tomar posse. Hei por bem fazer mercê ao supplicante para que possa obrigar as referidas casas do Cunhal das Bolas e mais bens do seu morgado, sem limitação de tempo, á quantia de quinze mil cruzados. 3 de fevereiro de 1737.

Cerca de dois annos depois subarrendou o beneficiado Francisco de Castro Alvellos todo o palacio ao Nuncio pela renda annual de 600:000 réis, arrendamento que ainda vigorava, em 1744, havia cinco annos.

A tradição popular, segundo se lê na noticia dada ácerca d'este palacio a pag. 288 do vol. v d'este semanario, attribue a sua fundação a dinheiro vindo das nossas conquistas. Examinando a serie dos nossos governadores e vice-reis da India, achámos que em 1656 foi governador, por via de successão, Francisco de Mello de Castro, com Manuel Mascarenhas Homem e Antonio de Sousa Coutinho. Confrontando o nome d'este fidalgo e o de Antonio de Mello de Castro, que foi governador e vice-rei da India desde 1662 a 1666, como o do proprietario d'este palacio em 1737, e com a tradição apontada, somos levados a suppor que talvez fosse algum d'estes o seu fundador. Francisco de Mello de Castro, governador de Colombo, na ilha de Ceylão, onde obrára prodigios de valor contra os hollandezes, passou em 1657 a tomar posse da governação da India com os dois citados fidalgos, e se conservou na regedoria d'aquelles, ainda então, importantes estados até 1661. Antonio de Mello de Castro foi governador e vice-rei da India desde 1664 a 1666. No seu tempo Cochim e os estabelecimentos portuguezes da costa de Malabar foram-nos tomados pelos hollandezes, a bem caro preço de sangue e de vidas. Foi este que com muito pezar seu foi obrigado, por ordens da corte, a fazer entrega aos inglezes da ilha e porto de Bombaim em 18 de fevereiro de 1665, por execução do tratado de 1661 de Portugal feito com a Inglaterra, contra o que o vice-rei representára com a energia e hombridade propria d'aquelles tempos, e d'aquelles portuguezes briosos e de antiga tempera.

Será esta nossa supposição provavel? Cremol-o, e ainda mais se attendermos que as bolas que formam o historico cunhal representam pelouros. Ora que pelouros quereria representar alli no seculo XVII (se a fundação foi n'esse, como parece) o fundador d'estas nobres casas, senão os que os portuguezes dispararam na heroica defesa das nossas conquistas n'essa epocha que, se no Oriente foi fertil em desastres para Portugal, não o foi menos em façanhas e proesas famosas, e que tanto honram o nome e valor dos portuguezes? Que outros, senão os que o proprio fundador, quer fosse um dos dois Mellos de Castro que citámos, quer algum outro da mesma força, arremessariam n'algum memoravel recontro, contra os inimigos da patria, e, o que peior era, da nossa religião, cujos vestigios elles se esforçavam até com a pena de morte de riscar d'aquellas vastissimas regiões em que nós a haviamos plantado?

As noticias que temos, porém, não nos levam a mais que ao que aqui fica relatado, e que offerecemos á censura e averiguação dos nossos antiquarios.

A.

BIBLIOGRAPHIA

MARAVILHAS DO GENIO DO HOMEM, DESCOBRIMENTOS E INVENÇÕES, DESCRIPÇÕES HISTORICAS, DIVERTIDAS E INSTRUCTIVAS SOBRE A ORIGEM E ESTADO ACTUAL DOS DESCOBRIMENTOS E INVENÇÕES MAIS CELEBRES. POR AMÉDÉE DE BAST. VERSÃO PORTUGUEZA DE MATHEUS LUIZ COELHO DE MAGALHÃES, ANNOTADA POR INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA. LISBOA. 1863. — DOIS TOMOS.

I

Brilha por ahi tão propicia a estrella do publico favor aos que se appellidam traductores de romances, corre com tamanha avidez o vulgo dos leitores a saciar a curiosidade na leitura d'este genero de escriptos, que não podêmos ver sem admiração, desertar um mancebo d'essa *cohorte de litteratos*, e, trilhando briosamente uma estrada menos juncada de flores, offerecer-nos, em linguagem castiça, em vez de um livro esteril, frivolo, prenhe de ficções e chimeras, uma obra séria, grave, rica de factos interessantes, e uteis verdades.

Estreia tão bem lograda revéla não só madureza de idéas, mas aspirações nobres. É uma respeitosa homenagem a esses varões famosos, que, por felizes inventos, conquistaram a nossa gratidão e estima, beneficiando a humanidade. É um inclito arrojo de alma ingenua, onde bróta a flor do bom gosto, onde se atêa o fogo sagrado das sciencias e das artes.

Cremos, que um pensamento generoso presidíra tambem á primitiva organisação de obra tão estimavel.

Propoz-se Mr. de Bast apresentar-nos, em formosa galeria, os principaes quadros dos descobrimentos humanos, pintando-nos a largos traços os sublimes esforços que os precederam.

Fazendo-nos assistir a alguns d'esses memoraveis trabalhos, em que a intelligencia disputa á natureza as suas forças, e as apropría como lhe apraz; historiando-nos as luctas entre os que illuminára, por singular prerogativa, o lume do Senhor, e os que menos esclarecidos por esse lume descrêem as manifestações do seu verbo, como que convida o nosso espirito a acceitar, com docilidade, os novos inventos, que hão de por ventura realisar-se; e ensina-nos a pôr mais confiança no poder do homem, que, em verdade, só é lei da creação, quando a domina e faz servir a seus intentos civilisadores.

Não podem deixar de ler-se, com vivo interesse, os bosquejos historicos sobre a polvora, a agricultura, o magnetismo, a imprensa, os poços artesianos, a batata, a musica, os balões aerostaticos, o gaz hydrogeneo, os telegraphos, os caminhos de ferro, a astronomia e a relojoaria.

Lêem-se com egual complacencia, as noticias sobre a navegação, as cartas alphabeticas, a olaria, os tecidos, a architectura, a pintura, a esculptura, a physica, a chimica, as minas e as moedas.

O que sobre qualquer d'estes assumptos se ha escripto, constituiria, só per si, uma bibliotheca; extremar, porém, n'este pélago immenso de idéas, as que servem para o intento, adaptal-as á intelligencia de quem deseja noções geraes das sciencias e das artes, mas não quer profundar doutrinas, nem discutir systemas, foi o escópo a que se dirigiu o illustre escriptor francez.

Teve ainda em vista, na escolha e coordenação de materias, a observancia de uma judiciosa maxima, que será de todos os tempos, com quanto a proferisse um dos mais conspicuos engenhos da antiguidade:

Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci. [1]

[1] *Horat. — De Art. Poet.*

Só logra o conceito de escriptor primoroso o que sabe alliar o instructivo com o deleitoso. E d'este condão pouco vulgar póde ufanar-se Mr. de Bast.

Entretecendo, tambem, as suas narrativas de digressões breves e naturaes, fugiu da monotonia, que fatiga a attenção e mata a curiosidade.

Certo que nossos olhos folgam de espairecer por um campo ameno; deleitam-se porém mais na diversidade de paizagens, de contornos variados.

Não valem todavia tantas bellezas de elocução a absolver Mr. de Bast da grave injustiça com que nos ha tratado.

Não commemorou um só facto que attestasse a nossa intervenção nos descobrimentos e progressos das artes e sciencias!

Mas d'esta injuria nos vingou nobremente o eximio annotador, como era de razão e de justiça.

II

Ainda que ao presente nos achâmos decaidos da nossa pristina grandeza, e seja minimo o vulto que fazemos entre as nações, enchemol-as já, todavia, com o brado do nosso nome.

Quem rompeu os vedados mares do Oriente, descobriu novos ceos e novos climas, juntando ao mundo antigo um mundo novo; quem fez que o Oceano fosse nosso dominio, a civilisação da Europa nosso effeito, e o globo em todas as suas latitudes theatro da nossa gloria, póde consolar-se, com tantas recordações saudosas, da misera decadencia d'estes dias aziagos, a que se referia o illustre Garrett quando cantava:

Fomos, não somos já.

Fomos, em verdade, grandes por nossas aventuras maritimas e guerreiras, e tambem o não fomos somenos pelas artes e sciencias, em que possuimos brilhantes paginas. O que nos ha faltado é um diligente annalista, que lance em particular escriptura os memoraveis serviços que lhes havemos prestado.

Por mofina, sob este respeito, podêmos repetir a exclamação com que, já em arredadas eras, se lastimava João de Barros do nosso desamor, quasi desprezo pela gloria do paiz:

«Certo, grave e piedosa coisa de ouvir! Ver uma nação a que Deus deu tanto animo, que se tivera creado outros mundos lá tivera mettido outros padrões de victorias, assim é descuidada na posteridade de seu nome, como se não fosse tão grande louvor dilatal-o por penna como ganhal-o pela lança.» [1]

Tentou o sr. Innocencio encher lacuna tão desairosa para as nossas letras. Reivindicou a gloria que nos é devida, pela nossa participação nos progressos e descobrimentos das artes e sciencias, inserindo nas *Maravilhas do Genio do Homem* notas supplementares a quasi todos os capitulos.

São muito para ler as que respeitam á navegação, á astronomia, á imprensa, á medicina, á polvora, aos balões aerostaticos, á physica, á achitectura, á esculptura, á pintura, aos surdos-mudos.

São tambem curiosissimas as que versam sobre a agricultura, a batata, a musica, os tecidos, as minas e as moedas.

Em todas desenvolve mui vasta erudição o illustre escriptor, que é, sem duvida, um dos mais infatigaveis cultores, dos mais consummados sabedores da litteratura nacional.

Com estas brevissimas dissertações logrou o distincto academico augmentar os quilates ao merecimento da obra de Mr. de Bast, tornal-a mais agradavel aos leitores portuguezes, que folgarão de ver commemorados por tão douta penna os illustres feitos de seus conterraneos, e mantidos os direitos que lhes ha negado a malevolencia ou a inveja.

F. A. R. DE GUSMÃO.

[1] Dec. I, liv. V, cap. II.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

O VENTO NOS BOSQUES

VIII

Quem poderá descrever os movimentos que o ar communica aos vegetaes?

Quantas vezes, longe das povoações, nas profundezas de um valle solitario e coroado de arvoredo, me deleitei vendo as searas doiradas do trevo, e as verdes gramineas formarem ondulações similhantes ás do mar, apresentando-me á vista oceanos de verdura e de flores! Entretanto da parte de cima baloiçavam-se com o vento as cumiadas magestosas do arvoredo. O revoltear das folhas dava a cada especie uma apparencia de colorido duplo, que as confundia e separava nos movimentos especiaes que caracterisavam cada uma d'ellas.

O carvalho, cujo tronco é mais terso, não curva senão a ramagem; o freixo elastico baloiça toda a pyramide que fórma, e deixa unicamente agitar a folhagem movel; o choupo robusto entrega-a fluctuante aos ares, como se fosse uma longa cabelladura a que as paixões do homem determinássem os movimentos; inclina-se este profundamente perante o visinho, como se o reconhecesse por superior, e elle parece querer abraçal-o como amigo; agita-se o outro em todos os sentidos, como se se preparasse para combater um adversario. O respeito, a amizade, a colera, vão passando successivamente de um para outro, como no coração dos homens; e no fim de contas, estes movimentos, que parece nascerem de paixões versateis, vieram apenas dos caprichos do vento.

Ás vezes tambem um castanheiro velho ergue no meio dos seus companheiros os braços immoveis e despidos. Como ancião não participa das agitações que o cercam; viveu n'outro seculo. Estes grandes corpos insensiveis deixam ouvir ruidos profundos e melancolicos. Não são accentuações distinctas, são murmurios confusos, como os de um povo que ao longe celebra uma festa com acclamações. Não ha vozes dominantes, são apenas sons monótonos, entre os quaes se percebem rugidos surdos e profundos que nos immergem em tristeza cheia de suavidade. É assim que os murmurios da floresta acompanham os cantos do rouxinol, que lá do seu ninho endereça votos de reconhecimento á natureza. É o cheio do concerto, que torna mais vibrantes os cantares esplendidos das ávesinhas, como a verdura suavissima é o fundo onde se desenha o matiz das flores e dos fructos.

Este soido dos prados, estes canticos dos bosques, tem encantos que prefiro aos mais sublimes accordes; a minha alma deixa-se ir após elles descuidada; baloiça-se com a folhagem ondulante das arvores; eleva-se nos cimos d'ellas para os ceos; transporta-se aos tempos que as viram nascer e áquelles que as hão de ver caír por terra; extende até ao infinito os limites de uma existencia circumscripta e fugidiça: parece que esses soidos, esses canticos, fallam-me linguagem mysteriosa como os de Dodona; entranham-me em cogitações ineffaveis, que mais de uma vez me tem feito caír das mãos os livros dos philosophos. Magestosas florestas, pacifica solidão, que tendes acalmado as paixões, e socegado o espirito inquieto, oxalá que os gritos de guerra vos

não perturbem nunca as harmonias das vossas soantes clareiras! Não acompanheis com os vossos religiosos murmurios senão o canto das aves, ou os innocentes colloquios dos amigos da natureza que vierem buscar descanço debaixo das vossas copadas sombras! — *Bernardin de S. Pierre.* (Harmonias da Natureza)

TUFÃO NOS TROPICOS

IX

Um d'esses estios que devastam de tempos a tempos as terras situadas entre os tropicos, veiu sujeitar-nos á sua acção destruidora. Era no fim de dezembro, quando o sol no signo de Capricornio aquece durante tres semanas a ilha de França com fogos verticaes. O vento de sueste, que ahi predomina quasi todo o anno, não soprava então. Extensos turbilhões de poeira erguiam-se nas estradas e ficavam suspensos no ar. A terra fendia-se por toda a parte; a herva estava queimada, exhalações cálidas saíam dos flancos das montanhas, e a maior parte dos rios tinham seccado. Nem uma só nuvem vinha dos lados do mar. Unicamente, durante o dia, vapores avermelhados se erguiam acima das planicies, e pareciam, ao pôr do sol, as chammas de um incendio. A noite mesmo não trazia refrigerio algum á atmosphera abrazada. O orbe da lua, todo vermelho, erguia-se no horisonte carregado, apresentando um tamanho extraordinario. Os rebanhos extenuados, com o pescoço estendido para o ceo a aspirarem o ar, jaziam pelas encostas das collinas fazendo echoar nos valles os seus tristes mugidos, e até o cafre que os conduzia se deitava no chão, para ver se alli podia encontrar alguma frescura. O solo estava abrazado, e o ar abafadiço repercutia o zumbido dos insectos que procuravam matar a sêde com o sangue dos homens e dos animaes.

Entretanto, estes calores excessivos levantaram do Oceano vapores que cobriram a ilha, como se fossem um vasto chapeo de sol. Os cimos das montanhas juntavam-nos em redor de si; e longos sulcos de fogo chispavam de tempos a tempos das cristas envolvidas em densa neblina. D'ahi a pouco trovões pavorosos estalaram com terrivel estrondo nos bosques, nas planicies e nos valles; chuvas espantosas caíram em cataractas do ceo, torrentes espumosas se precipitaram pelo flanco das montanhas; a baixa, que estas cercavam, tinha-se transformado em lago; a elevação em que estavam as cabanas n'uma ilhota, e a entrada do valle n'uma comporta por onde saíam, de envolta com as aguas ruidosas, terra, arvores e rochedos. Para a tarde cessou a chuva, o vento rijo de sueste voltou ao seu curso do costume, as nuvens da tempestade foram arrojadas para noroeste, e o sol, que ia declinando, appareceu no horisonte. — *Idem.*

X

CHUVA DE ESTRELLAS. ESTRELLAS CADENTES

As estrellas cadentes, os bólides, as pedras meteoricas, são consideradas hoje como pequenos corpos planetares, que se movem á roda do sol, obedecendo tambem ás leis geraes da gravitação. Mas como se inflammam e se tornam luminosos, quando penetram o envoltorio gazoso do nosso globo, póde classificar-se a sua apparição entre os phenomenos atmosphericos.

Quando por muito tempo temos feito observações com os mesmos instrumentos, nos nossos climas do norte e na zona torrida, pasmâmos vendo o effeito que n'esta produzem a transparencia do ar e a menor extincção de luz sobre o modo por que apparecem bem distinctas as estrellas duplas, os satellites dos planetas, e mesmo certas nebulosas.

Entre os tropicos porém, ainda que o ceo se apresente egualmente sereno, cuidâmos que nos servimos de instrumentos mais perfeitos, tão distinctos parecem estes objectos, tão bem limitados os seus contornos! Este effeito porém é devido unicamente á pureza, á transparencia admiravel da atmosphera n'estas regiões; a nossa vista penetra mais facilmente pelas camadas de ar que nos rodeiam.

A noite de 11 para 12 de novembro de 1799, foi em Cumana mais fresca do que o costume, e ostentou-se com a maxima belleza. Pelas duas horas e meia da madrugada viu-se para as bandas de léste, meteoros luminosos dos mais extraordinarios. O sr. Boupland, que se tinha levantado da cama para gozar da frescura na sua galeria, foi o primeiro que deu por elles. Milhares de bólides e de estrellas cadentes se foram succedendo durante quatro horas. A sua direcção era muito regularmente de norte a sul pelo lado de léste. N'uma extensão de mais de sessenta graus via-se os meteoros elevarem-se no horisonte, muitas vezes até 40 graus de altura, quasi sempre até 30 metros, e caírem depois em cascata para os lados do sul. O vento estava muito fresco; não se percebia signal algum de nuvens, não havia no ceo um espaço egual, em extensão, a tres vezes o diametro da lua, que não estivesse a todo o momento cheio de bólides e de estrellas cadentes.

Muitos meteoros d'estes tinham um nucleo muito distincto, do tamanho do disco de Jupiter, do qual partiam centelhas com um brilho extraordinariamente vivo.

Os bólides despedaçavam-se como por explosão, e, depois de desapparecerem, deixavam após si fachas phosphorecentes, cuja largura excedia 15 a 20 minutos. Pelas quatro horas a intensidade do phenomeno diminuiu, os bólides e as estrellas tornaram-se mais raras, mas entretanto era tal a vivacidade da sua luz esbranquiçada, e tão limpida estava a atmosphera, que ainda se distinguiram algumas depois de nascer o sol. — *Humboldt.* (Viagem ás regiões Equinocciaes)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

54.º

O artigo *estudos da lingua materna*, que vem em muitos numeros do *Archivo Pittoresco*, é das mais uteis publicações que v. podia haver encetado. Aproveitando a benevolencia com que v. tem acolhido diversas perguntas, respondido a ellas, e esclarecido certos pontos, vou tambem rogar a v. o obsequio de responder, pelos meios de que se tem servido para outras, ás seguintes

PERGUNTAS

É portuguez e apropriado o sentido do verbo *militar* no seguinte periodo: *N'este caso militam as razões já mencionadas*, etc...?

Ha alguma regra de grammatica que auctorise a escrever *homẽs* por *homens?* — S. * * *

RESPOSTA

É portuguez, e auctorisado pelos classicos, o emprego do verbo *militar*, na accepção translata em que se lê no exemplo citado.

Todavia, cumpre advertir, que significando este verbo, mesmo na accepção figurada, *combater*, *pugnar*, *dar força*, se deve precisar bem, para não causar equivoco, se combate a favor ou contra, dizendo-se, v. g: «Esse argumento *milita contra* a sua opinião. Taes razões *militam* a meu favor.»

A resposta á segunda pergunta, irá comprehendida na que devemos a outro correspondente, e daremos no seguinte num.